

Quilombo de Palmeira e suas espiritualidades¹

Diógenes Braga Ramos /UFG/Goiás

Palavras-chave: Quilombo; Catolicismo; Religião.

Introdução

Esse artigo busca dialogar com a teoria antropológica no viés de se entender como o catolicismo interfere e interage com a comunidade quilombola de Palmeira inserida na Chapada Diamantina na cidade de Piatã no estado da Bahia. Diante disso algumas hipóteses são elencadas para nortear nossa discussão, sendo que primeiramente dialogaremos com os referenciais teóricos históricos da antropologia e depois entender como o catolicismo se estrutura na comunidade.

Desta forma uma das hipóteses desse artigo é de que no trabalho antropológico independentemente do que se está investigando, não deve ter o trabalho de campo como a única fonte de elaboração da pesquisa e de que temos que estar atentos a outras possibilidades teóricas, metodológicas, não apenas da antropologia, mas de outras áreas do conhecimento científico que possam corroborar para que se desenvolva uma pesquisa científica de qualidade no âmbito antropológico.

Outra hipótese do artigo está relacionada a pesquisa específica na interface entre o catolicismo e o quilombo de Palmeira, sendo que para se discutir o catolicismo devemos levar em consideração o aspecto sincrético do catolicismo, que influencia diretamente no entendimento que devemos ter da influência religiosa na vida das pessoas, que aparentemente é imbricado pelas influências católicas, indígenas e das religiões afro.

Esses são os desafios a serem percorridos ao longo desse artigo, salientando que as impressões descritas estão ainda em fase de verificação no campo, através da coleta de dados e da aproximação aos referenciais teóricos que serão analisados e incorporados ao longo da pesquisa.

¹ “Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.”

Percursos históricos antropológicos

Buscarei a partir de alguns textos teóricos históricos da antropologia entender como algumas questões são primordiais para se consolidar uma etnografia, destacando princípios básicos que muitas vezes são negligenciados tanto no trabalho de campo como na confecção da monografia.

Um dos elementos que devem nortear o trabalho antropológico segundo Laplantine (2003), é não negligenciar nenhum fator e com isso, não escapar nada dos olhos do pesquisador. Sendo que no campo tudo deve ser experienciado, anotado e digerido posteriormente.

Esse é um fator que sempre é salientado historicamente desde Malinowski, com relação aos detalhes que devem ser apreendidos no trabalho antropológico principalmente no exercício do trabalho de campo. Contudo, o que se percebe é que por mais que seja algo corriqueiro no âmbito antropológico se percebe que em alguns momentos se negligencia os detalhes observados no campo, fazendo com que as pesquisas fiquem debilitadas se tornando em muitos casos apenas um relato de dados, solto e sem sentido.

Neste viés de análise do campo não podemos ignorar que a sociedade é um produto humano e, que está sujeito a situações das quais, os próprios homens manipulam estas sociedades, como Luckmann chama atenção. Desta forma necessitamos ter um olhar atento para as sociedades tendo em vista os reflexos dos quais os homens exercem nesse papel, e com isso, os detalhes no trabalho de observação de campo deve levar em consideração essas manipulações do homem.

A disciplina de Antropologia deve estar atenta as novas mudanças e dialogar com a dimensão holística do ser humano, tendo como desafio a integração da intersecção do ente e do entre, a partir das cosmovisões e cosmologias que interagem com os indivíduos e representado nas sociedades, sendo as mais diversas possíveis, desta forma tenho ficado atento em minha pesquisa pois a etnografia não pode ser limitada, gerando perspectivas reducionistas, com isso, temos que estar atentos aos problemas da disciplina;

[...] segue em aberto, e as teorias gerais, afastadas das realidades etnográficas, apresentam-se com alcance muito limitado. Mas alguns ramos de investigação (e não só antropológicos, embora com efeitos

impactantes nessa disciplina) que se despojam de grandes preceitos estáveis demais sobre o que, de antemão ou prematuramente, define o que são os entes, os seres ou o mundo (já aí definindo, portanto, seus contornos ontológicos e seus dispositivos epistemológicos), esses ramos se apresentam muito mais hábeis para caracterizar, a cada campo etnográfico, o mundo dos entes. Nesse sentido, não posso deixar de mencionar, por exemplo, as contribuições das abordagens de rede sociotécnica dos science studies, das etnografias multiespécies, do cognitivismo distribuído, da antropologia da percepção. São abordagens que nos oferecem, digamos, uma outra percepção da antropologia, uma que se dedique a descrever não bem as ontologias, mas as entreontologias, as redes de causalidade a um só tempo distribuídas, heterogêneas e emergentes. São ramos, enfim, já bem aparelhados (ou devidamente desaparelhados) para descrever as realidades cosmopolíticas que mais e mais se estampam diante de nós e reclamam considerações à sua altura. (MARRAS, 2018, p.258)

Com isso, o fator histórico que a antropologia tem imprimido teoricamente a partir de suas pesquisas deve nos levar a aproximação direta com os objetos de pesquisa, que são expressos nas sociedades pesquisadas, buscando assim, um envolvimento direto com as pessoas inseridas nessas comunidades, tentando assim, entender os vários desdobramentos que ocorrem nestes universos, entre os entes e os entre e ficar aberto as redes que se formam nos universos que serão observados.

E um fator que não pode ser ignorado na antropologia são as variações teóricas e metodológicas, que devem nos fazer ter em mente que o trabalho de campo não deve ser a única proposta em uma pesquisa antropológica. Conforme Giumbelli (2002, p.103);

Não se trata de dissolver ou de invalidar o trabalho de campo, mas de ter uma concepção mais ampla e aberta da investigação etnográfica. Em parte, isso se torna uma necessidade diante da natureza dos problemas e das situações de pesquisa com os quais os antropólogos se deparam hoje. [...] Mas creio ser preciso também justificar uma concepção mais ampla da etnografia com base não apenas nas limitações do trabalho de campo – ou seja, na constatação de que há problemas e situações de pesquisa nas quais o “contato o mais íntimo possível” seja apenas parte ou até mesmo não tenha nada a fazer no processo de produção dos dados.

A antropologia deve em suas pesquisas alinhar suas conexões não apenas com o trabalho de campo, mas, com diálogo interdisciplinar, não negligenciando os aspectos históricos, biológicos, econômicos dentre outros elementos que podem estruturar e auxiliar as pesquisas para que se possa entender o dinamismo social e humano que

envolvem os trabalhos antropológicos. Com isso, sempre existem novos desafios na pesquisa antropológica. Como salienta a antropóloga Strathern;

O bem-estar não é um tema que eu normalmente abordaria, mas sempre reunir "mais" informações do que se espera é um truque do ofício antropológico - estar aberto ao imprevisível. Devo trazer o suficiente na mochila para dar alguma contribuição. Não estou dizendo que os antropólogos podem escrever sobre qualquer coisa, mas que as disciplinas oferecem recursos que podem ser usados em situações imprevisíveis. Há uma diferença entre valer-se de sua disciplina e ser um especialista, papel que considero bastante problemático nesses tempos de interdisciplinaridade. (STRATHERN, 2014, p. 488)

A antropologia por mais dialogal que seja e interdisciplinar a partir de sua essência tem que ter limites para que não se force a utilizar uma perspectiva teórica que não seja adequada ao objeto pesquisado ou mesmo ao parâmetro paradigmático das ciências antropológicas.

Desafios e diálogos entre o quilombo e catolicismo através da antropologia

Fiz uma breve retomada histórica acerca dos desafios teóricos e metodológicos da Antropologia para pensar especificamente a questão da minha pesquisa, que é entender como o catolicismo está inserido na comunidade quilombola de Palmeira na cidade de Piatã-BA, na Chapada Diamantina. Cidade de aproximadamente trinta mil habitantes, sendo que um dos fatores marcantes na cidade é o grande número de quilombos certificados e reconhecidos legalmente, que passam do número de dez quilombos.

Alguns elementos devem ser agregados a pesquisa, não apenas o trabalho de campo, mas, é importante entender como o quilombo se organizou historicamente, as principais famílias que o compõem, os fatores religiosos que fazem parte do universo social que se instala na comunidade.

Diante desses desafios vou construir minha pesquisa a partir dos aspectos religiosos instaurados através do catolicismo na comunidade quilombola para entender como essas pessoas dialogam com sua fé em suas atividades sociais, políticas, econômicas dentre outras das quais eles externaram através do convívio na comunidade.

Desta forma o que tem chamado atenção nas visitas de campo, nos diálogos com a comunidade, com as pessoas da cidade de Piatã, principalmente as mais velhas é que a

questão racial não é uma problemática que afeta a comunidade quilombola, inclusive porque a comunidade teve resistência em aceitar a certificação como comunidade quilombola.

Como relatado um desafio a ser entendido na comunidade quilombola será entender porque essa comunidade não queria aceitar sua certificação como quilombo e dessa forma, se instituir como grupo de resistência ao movimento de africanização que ocorreu no Brasil, como chama atenção Lélia Gonzalez. E como comentei anteriormente, verificar como o catolicismo instituído na comunidade reverbera essa questão, pois como salientei a questão política, social e econômica permeiam as relações sociais, étnicas e consequentemente religiosas.

Neste contexto é importante ter claro que, “a plasticidade dos modos de ser católico no Brasil é expressão de uma genuinidade brasileira, caracterizada pela grande ampliação das possibilidades de comunicação com o sagrado ou com o ‘outro mundo’.” (TEIXEIRA, 2009, p. 19)

Ou seja, a mistura da identidade negra na formatação religiosa católica expressa na vida do indivíduo no quilombo, por conta da sua própria religiosidade já pode expressar sua identidade negra e é isso, que necessidade ser observado de forma dialogal com a comunidade para se entender como essa religiosidade se apresenta, ou se expressa ou se representa.

E por mais que a princípio eu não vá discutir a questão étnica racial, não posso negligenciar que me parece que a ideia de Lélia Gonzalez, chama atenção com relação a uma “democracia racial”, Lélia Gonzalez, como se não existe democracia racial, pois a sociedade está imbricada no perfil racial e aparentemente me parece que as pessoas que vivem no quilombo de Palmeira estão afastados da sociedade, vítimas de uma segregação social que os isola no âmbito rural, como agricultores de subsistência, que sobrevivem com sua plantação de subsistência, distantes da cidade, sem acesso a saúde, a educação, a economia dentre outros elementos sociais de integração, e que através da religião católica buscam força para fortalece-los na vida diária.

Neste viés étnico racial devemos ter em mente como se institui o catolicismo na comunidade quilombola, pois conforme observei no campo, através da interface com elementos que transcendem a teologia católica, fazem parte do universo religioso dos católicos que vivem no quilombo. Esses fatores fortalecem a hipótese de que o

catolicismo instituído na comunidade possui elementos sincréticos, sendo que o catolicismo se relaciona diretamente com a cultura brasileira, com fragmentos afro, indígenas entre outros, não o fragmentando.

Portanto a relação entre catolicismo e cultura brasileira não tem sido enfraquecida pelas transformações da sociedade ou do campo religioso brasileiro. A ideia de uma matriz sincrética geradora da (nossa) sociedade brasileira é compartilhada por antropólogos nativos e estrangeiros e tem se tornado paradigma de um multiculturalismo bem-sucedido. (CAMPOS, 2009, p.139)

Essas foram algumas provocações que podem ser melhor exploradas na interface entre catolicismo e o quilombo a partir da Antropologia, que são os desafios que estão sendo encontrados na pesquisa que estou realizando junto ao quilombo de Palmeira. Ou seja, o catolicismo vivenciado no quilombo é instituído de um sincretismo que dialoga com a cultura negra e com o catolicismo português instituído no Brasil.

Considerações finais

Este artigo tem como intuito olhar para o catolicismo brasileiro a partir do quilombo de Palmeira, dando legitimidade aos indivíduos do quilombo a partir de sua fé apresentando um catolicismo próprio, como Davi Kopenawa representa sua comunidade indígena, falando da realidade deste grupo específico.

Faço essa observação pois, é preciso olhar para o catolicismo empregado na comunidade quilombola de forma unívoca, mesmo que esse catolicismo seja imbuído de características sincréticas como chamo atenção a partir das minhas hipóteses levantadas no artigo, pois, os elementos sincréticos impregnados na comunidade também possuem características próprias, que transitam entre as religiões afro e indígenas, mas que são estruturadas a partir do catolicismo português.

Outro fator que deve ser levado em consideração é a questão da apropriação da perspectiva teórica da antropologia que nos apropriamos em nossas pesquisas, pois, as pesquisas não devem ser apenas ter como eixo condutor o trabalho de campo através da observação participante. O diálogo entre e ente os elementos mais variados das ciências e também da realidade vivenciada devem ser incorporados na pesquisa.

Esses foram algumas situações que apontamos que devem ser melhor exploradas nas pesquisas acerca dos quilombos em interface com o catolicismo e conseqüentemente a atenção que devemos ter em nos aproximar dos elementos teóricos utilizados na pesquisa.

Referências bibliográficas

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CAMPOS, C. Bivar Roberta. Interpretações do catolicismo: do sincretismo e antissincretismo na cultura brasileira. In: Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas. Faustino Teixeira e Renata Menezes (orgs.). Petrópolis, Vozes, 2009.

GIUMBELLI, Emerson. Para além do "trabalho de campo": reflexões supostamente malinowskianas. Rev. bras. Ci. Soc., 17 (48), Fev. 2002.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. Tempo Brasileiro. n. 92-93, Rio de Janeiro: Ed. Global, jan./jun. 1988.

LAPLANTINE, François. "Os pais fundadores da etnografia". In: _____. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LUCKMANN, Thomas. **A religião invisível**. São Paulo, Olho d'Água, Loyola, 2014.

MARRAS, Stelio. Por uma antropologia do entre: reflexões sobre um novo e urgente descentramento do humano. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 250-266, abr. 2018.

STRATHERN, Marilyn. O conceito de sociedade está teoricamente obsoleto? In: STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico e outros ensaios. Tradução de Iracema Dulley, Jamile Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014, pp. 231-239.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas. Faustino Teixeira e Renata Menezes (orgs.). Petrópolis, Vozes, 2009.

UCPA, União dos Coletivos Pan-Africanistas. Lélia Gonzalez: Primavera para as rosas negras. Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018. (“Introdução” e “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”).